

Os Discos Voadores e a Origem da Humanidade

© 2017 – Marco Antonio Petit

Os Discos Voadores e a Origem da Humanidade

Marco Antonio Petit

Todos os direitos desta edição reservados à
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.
Rua Prof. Paulo Chaves, 276 – Vila Teixeira Marques
CEP 13480-970 – Limeira – SP
Fone/Fax: 19 3451-5440
www.edconhecimento.com.br
[vendas@edconhecimento.com.br](mailto: vendas@edconhecimento.com.br)

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio – eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação – sem permissão por escrito do editor.

Revisão: Mariléa de Castro
Projeto gráfico: Sérgio Carvalho
Ilustração da capa: Banco de imagens

ISBN 978-85-7618-411-9
2ª Edição – 2017

• Impresso no Brasil • Presita en Brazilo

Produzido no departamento gráfico da
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA
conhecimento@edconhecimento.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Petit, Marco Antonio

Os Discos Voadores e a Origem da Humanidade /
Marco Antonio Petit – Limeira, SP : 2ª edição – Editora do Conhecimento, 2017.

140 p.

ISBN 978-85-7618-411-9

1. Ovnis 2. Vida – origem 3. Abdução por extraterrestres I. Título

17-1210

CDD – 001.942

Índices para catálogo sistemático:

1. Ufologia

Marco Antonio Petit

Os Discos Voadores e a Origem da Humanidade

1ª edição
2017



Livros de Marco Antonio Petit
editados pela Editora do Conhecimento

- CONTATO FINAL – O DIA DO REENCONTRO
2003
- UFOS, ESPIRITUALIDADE E REENCARNAÇÃO
2004
- OVNIS NA SERRA DA BELEZA
2006
- MARTE – A VERDADE ENCOBERTA
2013
- PRESENÇA ALIENÍGENA NA LUA
2016
- O RENASCIMENTO DE UM GUARDIÃO
2017
- OS DISCOS VOADORES E A ORIGEM DA HUMANIDADE
2017

Dedicatória

Aos meus filhos Fernando de Azambuja Petit
e Jeane Caroline Corrêa Petit.

Agradecimento

Ao meu editor Sérgio Carvalho pela reedição dessa obra solicitada por vários de meus leitores mais recentes, marco inicial de minha trajetória como escritor, e investigador do fenômeno UFO.

No dia em que o Homem perceber, tiver consciência de quanto é insignificante sua posição frente o Cosmos, deixando de lado suas ideias antropocêntricas, estará pronto para ser grande, assumindo seu papel de agente da própria Divindade na perpetuação da Vida no Universo.

O Autor

Sumário

Introdução.....	11
Capitulo 1 – A pluralidade dos mundos habitados.....	13
Capitulo 2 – A realidade do fenômeno ufológico	20
Capitulo 3 – Os discos voadores e suas bases submarinas.....	32
Capítulo 4 – Ovnis na Serra da Beleza.....	44
Capitulo 5 – Os discos voadores e a origem da humanidade ..	74
Conclusão.....	128
Bibliografia	134

Introdução

Em 1978, quando passamos a nos dedicar mais diretamente e de maneira mais intensa à pesquisa dos objetos voadores não identificados, existia já de nossa parte uma certa intuição pertinente à existência de uma possível ligação entre o chamado fenômeno ufológico atual, e a própria origem de nossa humanidade. Na época, a teoria mais difundida relacionando nossa origem a seres de outros planetas preconizava a ideia de que o homem havia surgido na Terra a partir de uma intervenção feita no código genético de criaturas “simiescas”, nativas do planeta, praticada por membros de alguma civilização extraterrestre, que em última análise seria a responsável pelo salto evolutivo entre nossos supostos ancestrais estudados pela antropologia, e o homem moderno. Esta tese, levantada pelo suíço Erich von Daniken, e posteriormente defendida por outros pesquisadores, não relacionava, entretanto, esta intervenção na linha evolutiva do homem com os discos voadores de nosso tempo. Na realidade, o próprio Daniken, e alguns que o seguiram, só se preocupavam em abordar a presença extraterrena no passado.

No início da década de 80, chegamos a proferir várias palestras e publicamos alguns artigos defendendo essa mesma ideia, mas procuramos demonstrar também que, possivelmente, pelo menos, parte do fenômeno ufológico atual estava relacionado a essa intervenção praticada no passado.

Com o passar dos anos, porém, em meio a estudos relacionados às informações recebidas através de contatos di-

retos, ocorridos nas mais diferentes regiões do planeta, com seres extraplanetários extremamente semelhantes ao homem, começamos a vislumbrar uma outra alternativa como explicação para a presença de parte do fenômeno dos discos voadores em nosso tempo, como também para a própria origem de nossa humanidade. Após vários artigos publicados em revistas especializadas, apresentando esta nova teoria, achamos, que chegou o momento de apresentarmos um estudo mais detalhado do problema. Este livro nasceu principalmente com o objetivo de permitir a materialização desta nossa pretensão.

Resolvemos também incluir no mesmo, além de outros temas que periodicamente abordamos em nossas conferências, seminários e congressos, um capítulo sobre nossas pesquisas realizadas na região da chamada Serra da Beleza, situada no interior do Estado do Rio de Janeiro, que apresenta uma das maiores incidências ufológicas de nosso país, e mesmo do planeta, onde inclusive tivemos inúmeros avistamentos, e conseguimos bater mais de 40 fotografias documentando a presença dos OVNI's na área.

Capítulo 1 – A pluralidade dos mundos habitados

“Parece existir uma comunidade de matéria em todo o universo visível, pois as estrelas contêm muitos dos elementos que existem no Sol e na Terra. É extraordinário que entre os elementos mais amplamente difundidos entre as legiões de estrelas estejam alguns dos intimamente ligados aos organismos vivos do nosso globo... Não será possível que, pelo menos, as estrelas mais brilhantes sejam como o nosso Sol, os centros de sustentação e energização dos sistemas dos mundos, adaptados para serem a morada dos seres vivos?

William Huggins, 1865.

Tempo virá em que os Homens serão capazes de estender seus Olhos... Verão Planetas como a Terra.

Christopher Wren

Discurso de Inauguração, Gresham College, 1657.

No dia 17 de fevereiro do ano 1600, Giordano Bruno morreu queimado na fogueira inquisitória, condenado pela Igreja, por ousar declarar a existência de outros mundos habitados. A luta de Bruno continua viva hoje, pois muitos ainda não conseguem admitir a possibilidade de dividir o Universo com outras humanidades.

Nosso planeta, o terceiro em ordem de afastamento de nosso Sol, pertence a uma galáxia que tem mais de 200 bilhões de estrelas. Um raio de luz viajando à velocidade de 300 mil quilômetros por segundo leva 100 mil anos para

conseguir atravessar a mesma. Parecem existir em nosso Universo mais de 100 bilhões de galáxias. Nosso Universo, entretanto, poderia ser apenas uma espécie de partícula elementar de um átomo de um outro cosmo muito mais amplo.

Segundo o que hoje é aceito por boa parte dos astrofísicos, há cerca de 14 bilhões de anos toda a matéria e energia de nosso Universo estavam concentradas em uma condição de densidade inimaginável, em um ponto matemático — uma singularidade, como gostam de chamar alguns cientistas. Em dado momento este ponto explodiu, dando origem ao Universo. Alguns tendem a descrever o chamado Big Bang como um bloco de matéria explodindo num vazio infinito. Na realidade o Big Bang não só teria criado a matéria, mas também o próprio espaço. Ou seja, não havia nada fora, nem espaço para qualquer evento. Hoje são poucas as dúvidas a respeito de sua ocorrência, mas por que aconteceu? Nossa ciência não tem ainda resposta.

A partir da grande explosão nosso Universo iniciou um processo de expansão. No início este era muito quente, uma verdadeira bola de fogo, rico em matéria, originalmente hidrogênio e alguma quantidade de hélio, formados pelas partículas elementares da grande explosão. Mediante o processo de expansão, sua densidade começou a cair, provocando a queda da temperatura, gerando o aparecimento das trevas.

Aproximadamente um bilhão de anos depois do Big Bang, a matéria primordial do Universo, hidrogênio e hélio, começou a se aglutinar de forma granulosa em alguns pontos, que cada vez ficavam mais densos a partir da atração gravitacional que exerciam em suas proximidades.

Estes acúmulos iriam se transformar, tempos depois, nos aglomerados de galáxias, que a partir de novos colapsos gravitacionais gerariam as estrelas, trazendo a luz novamente para o Universo.

Foi justamente mediante o surgimento das estrelas, através das suas várias fases de reações termonucleares, que começaram a surgir os demais elementos químicos conhe-

cidos. Temos que ter em mente que nossos corpos são feitos de matéria estelar. Ou seja, os mesmos elementos químicos pertinentes à vida terrestre estão espalhados por todo o Cosmos. Em nossos corpos estão cinzas de estrelas e mundos que deixaram de existir há bilhões de anos atrás.

Se a química do Universo é a mesma, não podemos pensar que a vida é um privilégio de nosso planeta. Em qualquer mundo onde as condições necessárias ao seu aparecimento existirem, ela brotará naturalmente como consequência. Mas em torno de que tipos de estrelas poderemos encontrar planetas com condições favoráveis ao aparecimento da vida e posterior evolução até formas avançadas?

Antes de mais nada, temos que nos preocupar com a pluralidade dos planetas. Durante muito tempo, chegou-se a pensar que a formação de planetas era um fato raro dentro do Universo, pois se admitia que os mesmos eram gerados mediante a passagem de uma estrela nas vizinhanças de uma outra, fato que provocaria uma ponte de matéria entre elas, mediante a qual se condensariam os planetas. Como estas quase colisões são raríssimas, o número de planetas seria extremamente pequeno.

Nos anos 50, um jovem astrônomo chinês chamado Su-Shu-Huang, interessado na possibilidade de vida extraterrestre, começou a estudar o problema da origem dos planetas. Após vários anos de estudo, apresentou as bases de uma nova teoria que explica ao mesmo tempo a origem dos sistemas planetários e das estrelas duplas e múltiplas, que após nascerem de uma mesma nuvem de matéria, continuam ligadas ao longo de suas vidas mediante a força gravitacional, girando em torno de um mesmo centro de gravidade.

Para este cientista, existem dois fatores determinantes na natureza de uma estrela quando nasce: o momento angular da nuvem geradora, e a quantidade de massa existente na mesma.

Poderíamos ter três alternativas a partir disso. Numa primeira se admite uma grande massa com momento angu-

lar moderado, situação que produziria uma estrela enorme de rotação rápida. Uma segunda possibilidade se estabeleceria a partir de uma nuvem de massa reduzida com grande momento angular, que daria origem então a um sistema de duas ou mais estrelas. A terceira supunha novamente uma massa reduzida, porém com momento angular moderado, que permitiria o surgimento de uma estrela de massa reduzida, com rotação lenta, acompanhada por um sistema de planetas.

Por volta de 1930, o astrônomo Otto Struve já havia constatado que as estrelas mais quentes, do tipo espectral O e B, giram mais rapidamente e apresentam um momento angular apreciável, enquanto as estrelas mais frias, das classes F, G, K e M, giram tão lentamente que é difícil mensurar suas velocidades. Segundo Su-Shu-Huang, seriam os planetas orbitando as últimas os responsáveis por tal diferenciação.

A astronomia hoje nos revela que nosso sistema solar foi formado a partir de uma nuvem de gás hidrogênio, alguma quantidade de hélio, outros elementos em menor quantidade e poeira cósmica. Mediante um processo de gravitação mútua dos elementos constituintes, pouco a pouco, com o passar de milhões de anos, foi sendo formado um acúmulo central de matéria, que a partir de determinada concentração crítica de matéria, geradora de alta densidade, permitiu o início das reações termonucleares, dando origem ao nosso Sol. Outras concentrações menores, da mesma nuvem, mediante também processo gravitacional, acabaram por dar origem aos demais planetas de nosso sistema solar. Este processo de formação de planetas certamente não foi um privilégio de nosso sistema. Hoje se admite, inclusive, a possibilidade da existência de planetas orbitando as chamadas estrelas duplas e múltiplas. Sendo que o maior número deles deve estar orbitando as estrelas de rotação lenta, dos tipos espectrais F, G, K e M, já mencionados há pouco, onde, inclusive, as condições seriam melhores para facilitar o aparecimento da

vida e posterior evolução, já que tais estrelas além de terem uma vida bem maior que as dos tipos O, B e A, permanecem durante muito mais tempo num estado de equilíbrio, coisa fundamental para permitir a evolução da vida.

Devemos ter em mente, ainda, que a zona de habitabilidade em torno de uma estrela cai progressivamente conforme seu brilho é menos intenso. Assim uma estrela da classe M terá sua zona de habitabilidade extremamente inferior, por exemplo, a uma estrela como o nosso Sol, da classe G. Como as órbitas planetárias são elípticas, bastaria uma excentricidade maior para colocar periodicamente um possível planeta fora dos limites necessários à geração e manutenção da vida. Dito isto, podemos deixar de lado também as estrelas do tipo M, como prováveis candidatas a possuírem planetas onde a vida possa ter surgido e evoluído até formas avançadas, ficando só com as dos tipos F, G e K, onde as condições parecem ser extremamente favoráveis.

Os estudos e mensurações desenvolvidos até o final da década de 70 já revelavam que só entre as 100 estrelas mais próximas de nosso Sistema Solar, situadas num raio de apenas 22 anos-luz, tínhamos já 43 com possibilidades de estarem acompanhadas por um planeta com condições favoráveis à vida. Estes estudos pareciam indicar ainda que em 14 destas as chances eram realmente muito grandes.

Mas apesar de todas as mensurações e estudos desenvolvidos, a verdade é que foi apenas no ano de 1983 que os processos de formação de planetas extra-solares, hoje conhecidos mais como exoplanetas, ganhou um impulso definitivo. Nesse ano o satélite IRAS, trabalhando na faixa do infravermelho, detectou um disco de matéria em torno da estrela Vega, que está a cerca de 26 anos-luz de distância, na constelação de Lira, que os astrônomos identificaram como um sistema planetário em formação. Estudos posteriores parecem revelar inclusive já a existência de planetas orbitando a estrela.

No momento que escrevo estas linhas, ampliando as

informações do capítulo original da primeira edição desta obra, já estamos atingindo perto de 4 mil exoplanetas descobertos. Se de início estávamos encontrando apenas planetas gigantes, aparentemente gasosos, sem superfícies sólidas, agora já começaram a surgir segundo os astrônomos várias “Terras”. Mundos com crostas e superfícies sólidas, semelhantes ao nosso planeta, e nas distâncias adequadas para permitir a presença de água, e o surgimento da vida e posterior evolução. E agora essa realidade não é mais uma estimativa, ou possibilidade.

Uma das últimas descobertas foram os planetas encontrados em torno da estrela Trappist-1, a cerca de 39 anos-luz de distância de nosso sistema solar, que é um pouco maior que Júpiter. No total foram localizados sete planetas orbitando esse sol, uma estrela anã.

As estimativas iniciais sugerem que os novos planetas têm massas semelhantes à da Terra e composições rochosas. Os dois, que apresentam diâmetros superiores, o primeiro (por ordem de proximidade da estrela) e o sexto, são 10% maiores que a Terra. Já os menores, o terceiro e o sétimo (o mais distante da estrela), são 25% menores que nosso planeta. A descoberta foi feita por meio de uma parceria entre astrônomos de várias partes do mundo, usando telescópios da Nasa e do ESO.

Os planetas extra-solares realmente estão sendo descobertos aos milhares. Algo que para alguns como eu e inúmeros cientistas de vanguarda fazia parte da realidade do Universo. Hoje me atrevo a afirmar sem nenhuma dúvida, ou receio de estar errado, que existem mais planetas no Cosmos que estrelas. Isso nada possui de uma possível fuga para o irreal, pelo contrário. Trata-se de uma estimativa baseada na quantidade de estrelas nas nossas vizinhanças cósmicas, onde conseguimos já enxergar, que existem planetas girando ao seu redor.

Se antes existiam aqueles que não aceitavam discutir a possibilidade da existência de vida no Universo por conta